



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA  
DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO CAVALCANTE - FELIPE  
GUERRA-RN**

KEILA DE ANDRADE LIMA GURGEL

CARAÚBAS-RN  
2016

KEILA DE ANDRADE LIMA GURGEL

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA  
DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO CAVALCANTE - FELIPE  
GUERRA-RN**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Ma. Maria Iêda da Silva

CARAÚBAS-RN  
2016

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA  
DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO CAVALCANTE - FELIPE  
GUERRA-RN**

**Por**

KEILA DE ANDRADE LIMA GURGEL

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

---

Ma. Maria Iêda da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Ma. Maria Francilene Câmara  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

---

Ma. Francisca Francione Vieira de Brito  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA  
DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO CAVALCANTE-FELIPE  
GUERRA-RN**

Keila de Andrade Lima Gurgel- UFRN  
Orientadora: Maria Iêda da Silva-UFRN

**RESUMO:**

O presente artigo faz uma breve abordagem sobre as Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Leitura e Escrita e teve como objetivo investigar e discutir a importância do processo de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Para a pesquisa tivemos como ponto de partida as indagações feitas pelos professores de uma escola da rede pública de ensino, onde foi aplicado um questionário a dois professores um 2º e o outro do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Júlio Cavalcante no município de Felipe Guerra. Procurou-se mostrar também que o desenvolvimento da leitura e escrita depende de estratégias voltadas tanto para aprender ler e a escreve, quanto para atrair o aluno para sala de aula, impedindo-lhe de abandonar os estudos. Foram utilizados como fundamentação, autores como: BATISTA (2202), BOSSA (2000), PCN's (1998), CAGLIARE (1993), CHARLOT (2000), CIASCA (2003), FERREIRO (2001), GASPARIAN (1997), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Alfabetização, Dificuldades, Leitura e Escrita.

**ABSTRACT**

This article is a brief overview on Learning Difficulties in Reading and Writing Process and aimed to investigate and discuss the importance of reading and writing process in the early grades of elementary school. For the research had as its starting point the inquiries made by the teachers of a school of public schools, where a questionnaire was applied to two teachers a 2º and one 3º year of elementary school of the Municipal School Julio Cavalcante in the municipality of Felipe Guerra. Also sought to show that the development of reading and writing depends on focused strategies both to learn to read and write, how to attract students to the classroom, preventing him from dropping out. Were used as a base, authors such as: BATISTA (2202), BOSSA (2000), PCN's (1998), CAGLIARE (1993), CHARLOT (2000), Ciasca (2003), BLACKSMITH (2001), GASPARIAN (1997), among others.

**KEYWORDS:** Literacy, Difficulties, Reading and Writing.

## INTRODUÇÃO

A baixa qualidade do ensino tem provocado nos alunos a falta de estímulo de ir à escola e participar ativamente das aulas, quando se trata de atividades que exigem a leitura e a escrita percebe-se o desinteresse dos alunos, isso acontece porque na maioria das escolas faltam materiais didáticos adequados e habilidade dos educadores em conduzir o processo de forma a atender essa carência.

Focalizamos então nossa pesquisa para as “Dificuldades de aprendizagem no Processo de Leitura e Escrita” enfrentadas pelos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental, buscando compreender qual seria a relação existente entre ensino da leitura e escrita e as dificuldades de aprendizagem nesse nível de escolaridade. A escolha do tema surgiu após nossa experiência de estágio nas séries iniciais do ensino fundamental, nossa preocupação teve como ponto de partida exatamente o refrão que ouvimos no interior da escola por parte de alguns docentes ao nos apresentar para estagiar, tal como: “aqueles alunos não se interessam...” ou “os alunos não querem nada” ou ainda “os alunos não sabem de nada”.

O baixo índice de aprendizagem da leitura e escrita presenciado por nós nos remeteu a responsabilidade de investigar o problema considerando as causas e consequências do insucesso escolar. Uma vez que almejamos a pedagogia, é importante sabermos, as principais dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos e professores e os fatores responsáveis.

Esta pesquisa tem como principal objetivo investigar e discutir sobre as dificuldades no processo de aprendizagem de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, bem como discutir a prática de atividades que envolvam a leitura e a escrita, como forma de melhorar a qualidade das aulas e a motivação dos discentes, e identificar quais as principais dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental na Escola Júlio Cavalcante.

Ao falamos no processo de leitura e escrita, estamos mostrando o quanto ele é essencial para o desenvolvimento do aluno, visto que muitas escolas continuam presas a um modelo de ensino que não produz estímulo suficiente para garantir o interesse dos educandos pelo aprendizado. Por isso é de extrema necessidade que os educadores procurem novas estratégias

de ensino para atrair o educando para sala de aula, a falta de interesse é um dos principais fatores que está dificultando a alfabetização em várias instituições. Trabalhar essa temática será tão importante como desafiador para saber lidar com esse problema que tem sido abordado pela sociedade, pois despertar nos alunos o interesse pelas aulas irá envolver tanto o ambiente escolar quanto o ambiente familiar.

Assim, esse trabalho está estruturalmente organizado em tópicos e sub- tópicos que passam pelo o percurso histórico do processo de alfabetização das crianças, leitura e escrita como ferramenta no processo de alfabetização, dificuldades de aprendizagens apresentadas pelos alunos do 2º e 3º ano da Escola Municipal Júlio Cavalcante, a marca da exclusão, uma apresentação da metodologia utilizada no artigo e uma análise feita a partir de uma pesquisa de campo na Escola Júlio Cavalcante.

Finalizando este trabalho serão salientadas a partir dos princípios desenvolvidos no corpo deste artigo as considerações finais no que tange o objeto do presente estudo.

## **1- PERCURSO HISTÓRICO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Conhecendo a História da Alfabetização em nosso país, percebemos que a mesma foi baseada na História dos Métodos de Alfabetização. No final do século XIX, o impedimento que nossas crianças tinham em aprender a ler e a escrever, estimulou debates e reflexões acerca do assunto, a fim de resolver o que as impediavam de aprenderem. Só a partir da Proclamação da República que as práticas de leitura e escrita vieram ganhando mais força, pois até então essas práticas eram negadas para alguns indivíduos, visto que outros tinham direito em ambientes privados.

O pensamento construtivista de alfabetização foi introduzido no Brasil na década de 1980, por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Atualmente o termo construtivismo é utilizado de forma equivocada, mas, mesmo assim esse método vem ganhando espaço nas salas de aulas, deixando de lado um sistema de ensino rígido onde o professor era o centro das

atensões e ao mesmo tempo volta-las para os alunos para que tenham uma participação mais ativa no seu aprendizado.

Para que tenhamos um país alfabetizado é necessário ver a educação básica como um pilar fundamental no processo de aprendizagem, ou seja, é garantir pelo menos oito anos do ensino fundamental para cada criança, independente de sua faixa etária. O índice de analfabetismo ainda é muito alto e existem milhões de pessoas acima de 15 anos de idade analfabetos no país, conforme dados do IBGE.

O aluno por não ser visto em seu contexto social ou até mesmo pessoal, tende a criar a convicção de que não adianta continuar na escola e acaba abandonando a mesma por falta de motivação, e muitas vezes o medo por não acreditar que é capaz de vencer toma de conta dele.

A criança ao chegar à escola traz com ela conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida, principalmente nos aspectos relacionados à língua, e que cabe ao educador traçar estratégias de alfabetização que tenham efeitos significativos em sua vida escolar. A autora Emília Ferreiro (2001, p. 20) afirma que: “apesar da criança construir seu próprio conhecimento, no que se refere à alfabetização, cabe ao educador organizar atividades que favoreçam a reflexão sobre a escrita”.

Ainda em sua pesquisa Ferreiro estuda a criança em seu processo de aquisição da linguagem escrita, aponto de evitar os erros mais frequentes cometidos na alfabetização de um aluno. Sobre a definição de aprendizagem de leitura e escrita a autora relata que “Não podemos considerar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar, porque as crianças desde que nascem são construtoras de conhecimento, e o sistema de leitura e escrita é um deles”. (FERREIRO 2001, p. 64)

Ferreiro ainda cita alguns processos de aquisição da língua escolar, entre eles destacam-se:

Distinção entre crianças “urbanas” e “rurais”. As crianças em ambiente urbano, desde seu nascimento estão mais expostas a material escrito (outdoor); - comparação entre classes sociais; - distinção entre o que é ensinado e o que realmente se aprende; - lógica interna; crianças de pais analfabetos, ou semi-alfabetizados são as que mais frequentemente fracassam na escola; - crianças que tiveram possibilidades limitadas de estarem rodeadas por materiais escritos e de serem seus usuários apresentarão maiores dificuldades; - crianças que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de

frequentar uma instituição pré-escolar encontrarão dificuldades. (FERREIRO 2001, p. 67)

A criança por si só, é construtora de conhecimento e tem direito à alfabetização, independente da sua classe social, mas isso não é uma tarefa só da escola, ou seja, as crianças que vivem em um ambiente alfabetizado onde os pais leem frequentemente para seus filhos e que tem contato com livros diariamente tendem a ter mais facilidade em aprender a ler e a escrever, já aquela, cuja família não se importa ou não presta nenhuma assistência desse tipo, apresenta mais dificuldades no processo de leitura e escrita.

Ferreiro (2001) na sua obra “Reflexão sobre alfabetização” frisa a importância do professor em conhecer seus alunos, ou seja, como ele pensa, seus interesses e necessidades. Visto que o mesmo terá mais facilidade em elaborar atividades que sejam significativas.

Com os métodos educacionais ultrapassados juntamente com o aumento do número de pessoas com acesso a educação, o número de casos de fracasso escolar também aumentou em determinadas regiões, chegando a elevar o índice de analfabetos existente no país.

Com isso Ferreiro (2001) destaca que, tradicionalmente, a alfabetização é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de 'maturidade' ou de 'prontidão' da criança. Ou seja, quem ensina e quem aprende, deixando de lado a natureza do objeto de conhecimento que envolve a aprendizagem, o mesmo intervém no processo de alfabetização utilizando uma relação tríade: de um lado, o sistema de representação alfabética da linguagem com suas características específicas: por outro lado as concepções de quem aprendem (crianças) e as concepções dos que ensinam (professores), sobre este objeto de conhecimento.

Para melhorar a alfabetização é preciso reconhecer o aprimoramento do processo de leitura e escrita como um eixo norteador para a educação básica. É necessário que todos os educadores atuem de forma sincronizada no desenvolvimento dessa habilidade, traçando estratégias que favoreçam nesse processo, e assim desenvolvendo no aluno hábitos de leitura bem como proporcionando o acesso a uma variedade de gêneros textuais.

### **1.1. Leitura e escrita como ferramentas no processo de alfabetização**



Solé (1998, p. 22) diz que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetos que guiam sua leitura”. Para ler, é preciso que o leitor esteja ativo, pois lemos para alcançar um objetivo e a interpretação que temos do que foi lido depende na maioria das vezes do objetivo da nossa leitura. O ato de ler era visto como decifrar código, já na atualidade esse conceito passou a ser visto como um processo de interação entre autor-texto-leitor.

Segundo os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem, etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desse procedimento que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (1968, p. 69)

Nessa perspectiva, a leitura tem uma função social de promover a visão de mundo, ou seja, tem uma abordagem muito mais ampla do que apenas uma decifração de código ou letra. Tendo como base Silva (1998, p.47) podemos dizer que:

A leitura é fundamentalmente, uma prática social. Enquanto tal, não pode prescindir de situações vividas socialmente no contexto da família, da escola, do trabalho, etc. todos os seres humanos podem se transformar em leitores da e dos outros códigos que expressam a cultura, mesmo porque carregam consigo o referido potencial biopsíquico (aparato sensorial + consciência) que tende a compreensão dos fenômenos.

O ato de ler pode ser feito em todos os lugares como: nas praças, nas ruas, nas lojas, nos supermercados, em casa, nos transportes coletivos e entre outros. Mas é sobre a escola que é dada a responsabilidade formal de ensinar a leitura. “É função primordial da escola ensinar a ler. É função essencial da escola ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita, e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces”. (ROCCO 1996, p.06).

O professor, por sua vez deve fazer com que a escola seja um laboratório onde se experimentam os mais variados gêneros textuais. Ou seja, tudo que deve se propor no currículo escolar como texto para leitura: cartazes, cartas, bilhetes, anúncios, jornais, bulas de remédio, livros: científicos, filosóficos e literários. O mesmo deve explorar juntamente com os alunos o máximo possível de leituras, não deixando que certos procedimentos tomem conta dos educandos causando o desinteresse pela leitura, tornando-a apenas um hábito que precisa ser feito.

O hábito de ler deve ser incorporado na vida cotidiana dos educandos, visto que o mesmo deve ser motivado de uma forma que o conteúdo da leitura venha de encontro aos propósitos do sujeito.

Não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar [...]. Também convém levar em conta que a leitura “de verdade”, aquela que realizamos os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nos mesmos mandamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando parágrafos... uma leitura íntima, e por isso, individual. (SOLÉ, 1998, p. 43).

Já a escrita é entendida como uma forma de representar o pensamento e a linguagem humana por meio de símbolos. Vivemos em um mundo de povos e origens diferentes e conseqüentemente existem vários tipos de escrita, onde a mesma acaba sendo o meio de comunicação mais usado entre as pessoas. Ela é inseparável da fala e tem como objetivo preservar a linguagem de origem, sendo que a mesma está relacionada à cultura e cumpre diversas funções sociais, além de exercer grande influência na aquisição de conhecimentos.

A criança ao chegar à sala de aula traz com ela conhecimento de linguagem adquiridos desde o nascimento, e por não ter domínio da língua portuguesa, chega a usar recursos próprios da oralidade para escrever seus textos. Geralmente ela escreve da maneira como fala e cabe ao professor instruí-la da melhor forma possível para que ela venha a melhorar gradativamente. Cagliari (1993) diz que “quando a escola consegue trabalhar de forma eficaz a escrita acaba favorecendo a formação de bons leitores, e isso resulta em alunos que não terão problemas em ler e interpretar. A leitura é a realização da escrita”.

Nesse sentido, a criança ao fazer uso da sua própria oralidade pode acabar confundindo algumas as letras. Em outro caso ela chega a relacionar a escrita como uma forma de desenhar. A linguagem em muitos casos desencadeia o preconceito, onde muitos são marcados pela a forma de falar e isso tem criados muitos problemas sociais. Para que uma criança seja vista como letrada e tenha domínio da linguagem escrita é necessário que ela adquira uma prática de leitura através de vários textos e domine a linguagem padrão, pois é com essa linguagem que o individuo se relaciona nas diversas sociedades. Quanto a isso Soares (1987, p.78) enfatiza que:

Um ensino de língua materna comprometida com a luta contra a desigualdade social e econômica, reconhece, no quadro dessa relação entre escola e sociedade, o direito de que têm as camadas popular de apropriar-se do dialeto prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem as exigências de um a sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra a desigualdade social.

Esse comprometimento de um ensino de língua materna que proporcione ao aluno de camadas menos favorecidas, a oportunidade de ingressar no mundo letrado, através da leitura e da escrita, e conseqüentemente, possa se adaptar às exigências de uma sociedade excludente, é papel da escola, porém só poderá ser efetivado com êxito, com o compromisso do professor, que é quem de fato, pode colocar em prática essa ação.

## **2- DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS APRESENTADAS PELOS ALUNOS DO 2º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL JÚLIO CAVALCANTE**

Segundo Sylvia Ciasca (2003), a Dificuldade de Aprendizagem é compreendida como uma “forma peculiar e complexa de comportamentos que não se deve necessariamente a fatores orgânicos e que são por isso, mais facilmente removíveis”.

As dificuldades de aprendizagens se manifestam em vários momentos e lugares, mas é na escola que elas ficam mais presentes. Por isso, é importante o papel do professor, pois o mesmo deve traçar o caminho que ajude aos alunos com dificuldades e não se deixar levar pelo o pensamento que o aluno é um fardo, negando-lhe a oportunidade de aprender.

Bossa (2000, p. 11) define aprendizagem escolar como “um processo natural e espontâneo, mais até, um processo prazeroso. Descobrir e aprender devem ser um grande prazer. Se não é, algo que está errado”. Geralmente as dificuldades de aprendizagens mais comuns são aquelas relacionadas aos fatores externo como: a metodologia usada pela a escola e professores, a influência dos colegas, mudança de escola ou cidade, e outros que vem acarretando esse problema.

É de grande importância a descoberta desses fatores a fim de auxiliar no processo educativo dos alunos, pois na maioria dos casos, os alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem são ou sente-se excluídos pelas outras crianças.

A dificuldade que vem tendo mais repercussão na atualidade é a dislexia, na qual o aluno apresenta lentidão na leitura, impedindo-lhe de ler fluente, devido à troca e omissão de letras. Embora não seja uma exceção no sistema educativo as dificuldades de aprendizagens acabam sendo geradas devido aos problemas culturais, políticos, sociais e educacionais entre outros.

O ambiente no qual a criança se desenvolve pode afetar negativamente no seu aprendizado. WALLON (1982, p 189) relata que: “O estudo da criança exigiria o estudo do/ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”.

Hoje, sabe-se que as dificuldades de aprendizagem podem levar ao fracasso escolar, pois uma aprendizagem bem sucedida é fundamental na educação de uma criança, principalmente nas series iniciais, caso isso não aconteça, as dificuldades vão aparecendo e se acumulando de uma forma que chega a sessar a vida escola e conseqüentemente, a profissional de uma pessoa.

A adaptação ao ambiente escolar, principalmente no início da escolarização, bem como as exigências demandadas por ela, pode ser motivo de muitas angústias e geradora de insegurança por parte dos sujeitos envolvidos nesse processo, que se veem obrigados a corresponder às exigências tanto dos pais quanto dos educadores. Seu desempenho, sempre colocado à prova, é visto como motivo de status e aceitação, tanto por parte dos adultos como por seus pares. Passar por uma situação de fracasso ou que coloque sua capacidade em dúvida pode gerar um desconforto e um sentimento de desvalorização, que uma vez prolongado pode gerar problemas mais sérios de adaptação da conduta, além de afetar de maneira intensa a confiança e o valor atribuído a si mesmo. (MARTINELLI, 2001, p.114)

Compreendendo-se, dessa forma, que dificuldade de aprendizagem é a incapacidade que algumas pessoas apresentam perante situações novas, ela pode surgir de uma variedade de fatores. Apresenta principalmente em crianças em sua fase escolar, sendo na maioria das vezes resistente ao esforço pessoal e ao de seus professores, e conseqüentemente faz com que os métodos pedagógicos sejam insuficientes e negativos.

### **2.1. A marca da exclusão**

É notável o quanto o fracasso escolar tem deixado marcas em nossos alunos, ferindo profundamente sua identidade e sua auto-estima. Quando o aluno apresenta alguma dificuldade de aprendizagem na sala de aula essas marcas se revelam em atitudes como: timidez, irreverência e transgressão. E em outros casos ficam agitados, sentem vergonha e nervosismo durante as atividades avaliativas ao ponto de não conseguirem nem olhar nos olhos do professor.

Em alguns casos, as crianças eram levadas para hospitais para tentarem descobrir a causa de seu fracasso na escola, muitos eram chamados de loucos por apresentarem dificuldades em aprender, com isso a criança muitas vezes passa a ser discriminada e excluída pelos os seus colegas e até mesmo pelo o seu professor.

Nos casos mais frequentes de fracasso escolar estão relacionados com pessoas pobres e negras, pois alguns aspectos da sua vida familiar tendem a dificultar no seu processo de aprendizagem.

Na maioria dos casos de fracasso escolar, são atribuídos somente aos alunos, pois é mais fácil dizer que o problema é deles ou familiar, visto que a escola, a família, os alunos e professores acabam sofrendo pela deficiência de um sistema escolar carente e defasado, conforme alerta Gasparian:

Temos que tomar cuidado para não assumir a parte 'doentia' da instituição, tornando-nos um depositário de queixas e lamentações sem poder resolver de modo eficaz o problema colocado, fazendo-nos sentir impotente e incompetente. Se a instituição tem essa tendência, devemos fazer com que cada elemento assumam a sua parte. (GASPARÍAN, 1977, p.25)

Por não responderem positivamente às exigências da escola que muitos alunos acabam abandonando os estudos em busca de outros caminhos, começam a trabalhar cedo ou até mesmo entram na vida do crime. Neste sentido, Marchesi (2005), diz que: “Nenhum aluno está condenado a priori a fracassar na escola, mas os riscos de fracassar vão acumulando-se ao longo de sua história pessoal e escolar”.

São notáveis as marcas que o abandono escolar tem deixado no país, não é apenas um problema educativo, mas também econômico, pois além de baixar a produtividade, exclui os jovens do mercado de trabalho. A maioria dos alunos que abandona a escola está entre aqueles que precisam trabalhar para ajudar suas famílias e por não terem encontrado apoio suficiente no ambiente escolar e familiar, devido o desfavorecimento econômico, o que causa afastamento das atividades escolares.

Segundo Charlot (2000):

A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que os pais devem investir em seu sistema educativo, pois a “crise”, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as forma de cidadania. (CHARLOT, 2000, p. 14).

O desempenho dos alunos na cultura escolar, não é construído apenas na escola, mas também no seu convívio social e familiar. Através de expectativas depositadas pelos seus pais, irmãos, colegas, professores e amigos. Em alguns casos, alunos que apresentam dificuldades são preconceituosamente chamados pelos educadores e/ou pelos colegas, de burros e lentos. Dessa forma, causa tristeza, cicatrizes profundas e um efeito devastador na autoestima do aluno.

Das experiências que acompanhamos como educadores formadores de educadores, leitores, pesquisadores, não será difícil recordar de episódios em que se estabelece o conflito na relação do ensino-aprendizagem: seja porque o aluno se recuse à consideração de uma nova lógica de organizar, classificar, argumentar, registrar que fuja aos padrões que lhe são familiares...; seja, ao contrário, porque o próprio aluno se impõe uma obrigação de despir-se do conhecimento adquirido em outras atividades de sua vida social por julgá-lo menos correto ou inconciliável com o saber de sua formação escolar. (FONSECA, 2005, p. 30)

É preciso que a escola produza no aluno o prazer de aprender, senão ele deixa de ir ou até mesmo vai e não aprende, pois isso é um ponto forte para que o processo educativo seja eficiente e desperte no aluno o desejo de estar e permanecer na escola.

### **3- PERCURSO METODOLÓGICO**

Para a construção desse artigo foi realizado uma pesquisa qualitativa, que tem como proposta metodológica uma leitura analítica da problemática em questão. Para sua efetivação utilizamos diversos recursos metodológicos, como: pesquisa de textos relacionados à problemática, pesquisa de campo com aplicação de questionário a professores relacionados ao tema e uma visita à escola, a fim de ver de perto os fatores responsáveis pelo problema.

O foco da pesquisa está voltado para as Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Leitura e Escrita na Escola Municipal Júlio Cavalcante, na cidade de Felipe Guerra. No questionário foram elaboradas seis perguntas e aplicadas aos entrevistados que responderam de acordo com a realidade da escola.

A análise do questionário foi feita a partir das respostas de dois professores: um da sala do 2º ano e o outro da sala de 3º ano do Ensino Fundamental da escola em questão. E como forma de melhor abranger o assunto, analisaremos através da observação e da pesquisa, os fatores e as práticas educacionais que contribuem de forma direta ou indireta para os problemas relacionados ao processo de leitura e escrita.

#### **3.1. Análise da pesquisa**

A fim de avaliar as dificuldades enfrentadas pelos professores em relação ao Processo de Leitura e Escrita na Escola Municipal Júlio Cavalcante na cidade de Felipe Guerra, RN. Analisamos as respostas fornecidas por duas professoras da referida escola que chamaremos professora “A” e professora “B” para nos inteirarmos da real situação e qual a postura das mesmas sobre as questões trabalhadas.

Para uma compreensão melhor da situação perguntamos: Qual a metodologia usada em sua sala de aula no processo de leitura e escrita?

**Professora “A”:**

Leitura deleite; Roda de leitura, produção de texto, gravuras e desenho; Atividade oral e escrita de textos pequenos; Ditado de palavras e frases; Atividades com vários gêneros textuais como: fábulas, contos, convite, carta, bilhete etc...

**Professora “B”:**

A fim de fazer com que o aluno se aproprie do conhecimento de forma prazerosa, costumamos fazer Rodas de leituras utilizando a leitura de deleite; gravuras e desenho, produção de texto incentivando o bom desempenho da escrita; explorando sempre os vários gêneros textuais como: fábulas, contos, convite, carta, bilhete etc...

Ambas as professoras, mesmo que de forma diferente, responderam que procuravam incentivar a leitura e escrita através de atividades diárias envolvendo os diversos gêneros textuais a fim de estimular a criatividade e promover a participação de todos. Analisando as respostas das professoras, ficou claro que para que haja entusiasmo da criança é preciso envolvê-la com aquilo que faz parte do seu universo.

É preciso, portanto, repensar o foco do trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil, que tem sido centrado muito mais na prática dos adultos do que nas práticas das crianças. Não estamos dizendo que um deva se sobrepor ao outro, mas sim que devemos incluir em nossas reflexões sobre a educação infantil um aspecto fundamental — os direitos das crianças de serem consultadas e ouvidas, de exercerem sua liberdade de expressão e opinião, e o direito de tomarem decisões em seu proveito. Outros sim, uma Pedagogia da Infância e, mais precisamente, uma Pedagogia da Educação infantil teria como um de seus princípios buscar a voz das crianças pequenas sobre a sua vida vivida nos contextos das instituições de educação infantil. (BATISTA, 2002, p.55)



Em relação à questão sobre as dificuldades de aprendizagens apresentada pelo aluno, obtivemos as seguintes respostas:

**Professora “A”:**

A falta de colaboração dos pais e a falta de atenção dos próprios alunos.

**Professora “B”:**

A maior dificuldade que podemos perceber é a falta de concentração dos alunos nas atividades propostas, fruto da falta de estrutura familiar na qual estão inseridos.

Como se podem perceber, ambas as educadoras atribuíram a dificuldade de aprendizagem à falta de atenção dos próprios alunos, reflexo do desequilíbrio familiar no qual estão inseridos, o que, segundo as professoras, provoca a falta de concentração nas atividades propostas e, conseqüentemente, a deficiência no aprender.

Diante das respostas percebemos que o professor convive com a sensação de impotência diante da imprevisibilidade do universo da criança que engloba: a criatividade, a vivência de forma intensa, que constrói que descobre que brinca. Confrontando com a realidade daquilo que é estabelecido, tanto pela instituição escolar, quanto pela instituição familiar.

No universo da pesquisa envolvemos também a família, por entender que os pais exercem uma função extraordinária na educação dos filhos, perguntamos a respeito da influência da família no processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos.

Ambas as professoras falaram da importância da participação da família, ao mesmo tempo garantiram que a criança que têm acompanhamento dos pais desenvolve suas habilidades mais cedo e têm maior prazer em aprender. No entanto, segundo as entrevistadas, a maioria dos pais desconhece a proposta da escola e só aparecem quando são convocados.

Neste sentido, entendemos que é preciso que haja um trabalho de conscientização por parte da escola, a fim de que a família possa perceber a escola como uma extensão do lar, onde o aluno se socializa com os outros e compartilha o seu cotidiano. O conhecimento do que

se passa na escola, capacita os pais a participarem, a intervirem dando significado ao processo contínuo de aprendizagem dos seus filhos.

Quanto à disponibilidade da escola em fornecer materiais que auxiliem nas atividades que visam o processo de leitura e escrita a Professora “A” respondeu:

**Professora “A”:**

A escola dispõe de uma biblioteca onde a gente consegue obter livros de vários gêneros, revistas, jogos educativos, xerox entre outros.

**Professora “B”:**

Disponibiliza sim, livros de vários gêneros, revistas, jogos educativos, entre outros que auxiliam nesse processo.

Analisando a resposta das professoras, percebemos que os recursos oferecidos pela escola nem sempre correspondem às expectativas dos alunos, exatamente porque muitos deles, mesmo sendo a maioria de classe baixa, têm acesso a tecnologias sofisticadas, seja na casa de amigos vizinhos ou parentes que são mais atraentes e por isso prendem mais a atenção deles.

Em resposta à pergunta: como é compreendido o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem, as professoras disseram o seguinte:

**Professora “A”:**

O aluno é compreendido por uma metodologia diferenciada para atender suas necessidades no processo de ensino-aprendizagem.

**Professora “B”:**

Num primeiro momento observamos o seu núcleo familiar, buscamos averiguar se essas dificuldades estão relacionadas com a forma de vida que ele leva, para poder adotar uma metodologia que venha atender suas necessidades de aprendizagem.

Neste aspecto, verificamos que ainda há uma grande distância entre o que se almeja e o que de verdade se realiza no ambiente escolar. De acordo com Strick e Smith

(2001), as dificuldades de aprendizagem referem-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho escolar.

Acreditamos que independente do diagnóstico realizado seja pelo professor ou por profissionais especializados, a escola precisa avaliar o aluno tendo o cuidado de identificar seus pontos fortes e áreas que precisam de maior atenção, sem cometer o engano de fazer esse trabalho de forma homogênea, mas tratar de forma diferenciada, respeitando as especificidade de cada um, e assim desenvolver estratégias que favoreça o processo de ensino aprendizagem.

A respeito do lúdico no processo de leitura e escrita:

**Professora “A”:**

Os jogos e as brincadeiras estão presentes cada vez mais no campo educacional, pois, como essência da infância visa facilitar o trabalho pedagógico. Além de proporcionar prazer e satisfação, a criança brincando se socializa e aprende.

**Professora “B”:**

O lúdico é indispensável para o processo de aquisição dos conhecimentos dos alunos nessa faixa etária de idade.

As respostas das professoras mostram que é possível aprender brincando, pois os jogos estimulam a criatividade e a descoberta, no entanto o lúdico é um recurso didático dinâmico que exige um planejamento mais direcionado que leve em consideração a clientela que vai desenvolver as atividades propostas.

. . . o sentido do jogo depende da linguagem de cada contexto social. Há um funcionamento pragmático da linguagem do qual resulta um conjunto de fatos ou atitudes que dão significados aos vocábulos a partir de analogias. As línguas funcionam como fontes disponíveis de expressão. Elas exigem o respeito a certas regras de construção que nada tem a ver com a ordem do mundo [...] A noção de jogo não se remete à língua particular de uma ciência, mas a um uso cotidiano. Assim o essencial não é obedecer a lógica de uma designação científica dos fenômenos e, sim respeitar o uso cotidiano e social da linguagem, pressupondo interpretações e projeções sociais. (KISHIMOTO, 2001, p. 16).

Os resultados acima descritos nos permite entender que o muito que acreditamos ter feito com intuito de melhorar a educação, é quase nada diante das demandas que se apresentam no cotidiano escolar.

As dificuldades de entendimento sobre o desenvolvimento humano têm refletido diretamente no exercício da profissão de alguns educadores, pois não é possível entender e respeitar o comportamento do aluno se não há conhecimento sobre o universo deste ou se não entendem como as crianças aprendem. Neste sentido, é essencial que o planejamento seja realizado de forma responsável, que busque definir estratégias que respeite o desenvolvimento da criança em cada idade e que inclua as famílias nas atividades propostas, para que os mesmos possam se inteirar da proposta escolar e assim ajudem a mesma a desenvolver a sua função.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho que ora apresentamos é fruto do percurso que fizemos desde a observação, a regência de sala de aula até a realização do projeto. Os registros das experiências adquiridas e das atividades desenvolvidas durante o processo de observação e prática, nos propiciou subsídios para entendermos melhor o papel do professor tanto na instituição de ensino quanto na vivência com o aluno.

A decisão de trabalhar a problemática, dificuldades de aprendizagem no processo de leitura e escrita, foi uma forma de tentar compreender o porquê que a maioria dos alunos das salas de aulas observadas na Escola Municipal Júlio Cavalcante apresentava deficiência tanto na leitura, quanto na escrita, porém essas crianças se comunicavam e tinham uma oralidade boa para suas idades. Sabemos que são várias as dificuldades nessa fase de ensino e quando não diagnosticadas podem se transformar em complicações para vida toda, levando até mesmo ao fracasso escolar, que também é fruto de uma pedagogia ultrapassada onde suas ações não estão voltadas para a formação do sujeito.

Cabe salientar que os métodos de alfabetização são de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem e quando bem desenvolvidos servem para solucionar as dificuldades apresentadas pelos alunos no processo de leitura e escrita.

Com isso, ao observarmos a sala de aula percebemos a falta de atividades que estimulasse a criatividade e a descoberta das crianças, na maioria das vezes eram atividades que interessavam mais ao adulto do que à própria criança, uma vez que muitas dessas atividades mantinham-na entretida e calma dando certo ar de tranquilidade à turma.

A pesquisa nos forneceu a dimensão do que é ser professor em um universo de tantas diferenças, mas que exige estratégias que contemplem o respeito e as especificidades de cada um e habilidades que promova o processo de ensino aprendizagem.

Com análise da pesquisa foi possível notar que realmente existem dificuldades nesse processo, e que a falta de apoio da família e de estratégias por parte dos educadores são os principais fatores que causam essa carência na aprendizagem dos alunos, com isso cabe à escola e aos docentes repensar e desenvolver práticas que atraiam os pais para a educação dos seus filhos, visando o desenvolvimento individual de cada educando, visto que aprendizagem de uma criança tem seu ritmo próprio, por isso que alguns se desenvolvem mais rápido do que outro.

Tendo em vista as exigências sociais relacionadas à educação, o educador deve revestir-se de competências e de uma prática pedagógica que busque sempre a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, cabe ao professor repensar em práticas, traçar objetivos, formar novas estratégias que venham suprir a necessidade de cada criança.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Rosa; CERISARA, Ana Beatriz; OLIVEIRA, Alessandra M. R. de.; RIVERO, Andréa S. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. Florianópolis – SC, 2002. (mimeo).

BOSSA, NADIA A. **Dificuldades de aprendizagem**: o que são? Como tratá-las? Porto Alegre: ArtMed, 2000.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/SEF, 1998, pp 69-70

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1993.

CHARLOT. Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

CIASCA, S.M. **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar**, São Paulo, Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2003.

FERRIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **Contribuições do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a Educação Infantil. In: Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação – São Paulo. Cortez, 5º ed., 2001.

MARCHESI, Álvaro. Avaliação novos desafios. **Revista pedagógica Pátio**. Ano IX n. 34 Porto Alegre: Artmed. Maio / jul., 2005.

SOARES, Magda. **Linguagem e escala: uma perspectiva social**. 17 col. São Paulo: Atica, 2002.

WALLON, Henri. **A atividade própria plástica**. In: NADEL ? BRILFERTJ & WEREBE, M. J. G. Henri Wallon. (antologia). São Paulo: Ática, 1986.

ROCCO, M. T. F. **Viagens de Leitura**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Tradução de Claudia Schling. 6ª edição. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

# **ANEXO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE- UFRN  
CURSO: PEDAGOGIA  
ALUNA: KEILA DE ANDRADE LIMA GURGEL  
ORIENTADORA: IEDA SILVA

**ROTEIRO DE ENTREVISTA: Dificuldades de aprendizagem no Processo de Leitura e Escrita dos Alunos da Escola Municipal Júlio Cavalcante - Felipe Guerra-RN**

### **QUESTÕES**

1. Qual a metodologia usada em sua sala de aula no processo de leitura e escrita?
2. Quais as dificuldades de aprendizagens que os alunos apresentam?
3. Em sua opinião, a família te influencia no processo de leitura e a escrita dos alunos?
4. A escola disponibiliza materiais para ajudar no processo de aquisição da leitura e escrita?  
Quais?
5. Como é compreendido o aluno que apresenta dificuldade de aprender?
6. Fale sobre o lúdico no processo de leitura e escrita.